

LETRAS DE NEGRAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Mariana da Silva Lima¹

Luciana Ferrari Espíndola Cabral²

Emanuelle Teixeira Cardoso³

Resumo: Quando observamos um panorama da literatura brasileira, é fácil ter a impressão de que ela foi feita exclusivamente por homens - e em sua maioria, brancos. As autoras negras que constituem a nossa literatura ainda são alvo de poucos estudos críticos; conseqüentemente, sua produção sofre uma invisibilidade no campo acadêmico e no público leitor mais amplo. Voltado para essa questão, este artigo apresenta as conclusões de uma pesquisa que realizou uma revisão sistemática dos artigos acadêmicos publicados nos últimos anos com foco na produção literária de autoras negras no Brasil.

Palavras-chave: autoras negras; literatura brasileira; revisão sistemática.

BLACK LETTERS: A SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW

Abstract: When we look at a panorama of Brazilian literature, it is easy to get the impression that it was written exclusively by men - and mostly white. The black female authors who make up our literature are still the target of few critical studies; consequently, their production suffers from invisibility in the academic field and in the broader readership. Focused on this question, this article

¹ Professora EBTT do CEFET-RJ *Campus* Maria da Graça. Coordenadora do Projeto Atlas Negro da República Brasileira das Letras e vice coordenadora do Projeto Mulheres Negras Fazendo Ciência. Licenciada em Letras (UERJ) e em Artes Cênicas (UNIRIO), Mestre em Teoria Literária (UFRJ) e Doutora em Literatura Comparada (UFRJ).

² Professora EBTT do CEFET-RJ. Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do CEFET-RJ *campus* Maria da Graça e do Projeto Mulheres Negras Fazendo Ciência. Licenciada em Ciências Biológicas (UFRJ), Mestre em Botânica (ENBT/JBRJ), Especialista em Ensino de Ciências (IFRJ), Doutora em Educação em Ciências e Saúde (Nutes/UFRJ).

³ Técnica em Segurança do trabalho pelo CEFET-RJ *Campus* Maria da Graça.

presents the conclusions of a research that carried out a systematic review of academic articles published in recent years with a focus on the literary production of black female authors in Brazil.

Keywords: black female authors; Brazilian literature; systematic review.

1. Introdução

Quando pensamos na literatura brasileira, ou quando a estudamos nos livros escolares, é fácil ter a impressão de que ela foi feita exclusivamente por homens – e em sua maioria, brancos. Ao pensarmos nas mulheres que participaram de sua construção, é comum que poucos nomes de mulheres venham à nossa mente – Clarice Lispector e Cecília Meireles sendo provavelmente as lembranças mais comuns. Se voltarmos nosso interesse para as mulheres negras que atuaram e ainda atuam na produção da literatura brasileira, mais uma vez são poucos os nomes conhecidos: Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo. Mais do que isso, as autoras negras que constituem a nossa literatura ainda são alvo de poucos estudos críticos, tanto em comparação com os escritores homens como também com as mulheres brancas. Conseqüentemente, sua produção sofre uma invisibilidade no campo acadêmico e no público leitor mais amplo. Voltado para essa questão, o presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa⁴ que elaborou uma revisão sistemática dos artigos acadêmicos publicados nos últimos cinco anos com foco na produção literária de autoras negras no Brasil.

A opção pela realização de uma pesquisa na modalidade revisão sistemática de literatura se deveu à adequação entre as características desse tipo de estudo e nossas perguntas motivadoras. A revisão sistemática consiste

⁴ A pesquisa, que teve o mesmo título deste artigo, foi desenvolvida entre os anos de 2021 e 2022 por Emanuelle Teixeira Cardoso, aluna do 3º ano de Segurança do Trabalho (modalidade Técnico Integrado ao Médio) do CEFET-RJ/ Campus Maria da Graça, sob a orientação da Profa. Dra. Mariana da Silva Lima e coorientação da Profa. Dra. Luciana Ferrari Espíndola Cabral. Ela contou com o financiamento do Programa PIBIC-EM, custeado pelo CNPq e pelo CEFET-RJ, e da FAPERJ, instituições às quais agradecemos.

em uma análise de múltiplos estudos com a finalidade de integrar seus resultados em uma avaliação crítica e sintética (COSTA & ZOLTOWSKI, 2014, p. 53). Ela possibilita a apreensão do estado da arte de uma questão em um determinado campo do conhecimento. Partindo das reflexões mencionadas na abertura deste texto, nosso projeto suscitou duas perguntas principais: 1) para além das três escritoras negras citadas anteriormente (Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo), quais outras têm recebido atenção da crítica nos anos mais recentes? 2) Qual o perfil dos pesquisadores que têm voltado sua atenção para estas autoras? (Ou seja, quem se interessa pelo quê?)

Para investigar tais questões, é importante partir do conceito de **sistema literário**. Como observa Candido (1997), todo sistema literário é formado a partir de um tripé constituído por um conjunto de autores, obras e leitores. Com essa constatação, o autor demonstra que, na ausência de qualquer um desses elementos, o sistema não se completa, isto é: se há autores, mas esses não conseguem publicar seus livros, não se forma público; ou se há autores e livros, mas não há um público alfabetizado e, portanto, capaz de ler essas obras, da mesma forma não se forma um sistema literário. Desse modo, a definição proposta por Candido chama atenção tanto para a interdependência dos três elementos constituintes do sistema literário quanto para a importância da circulação das obras literárias (logo, para as possibilidades concretas de sua existência material).

No célebre ensaio intitulado “Um teto todo seu”, Virginia Woolf (2014) escreve sobre a exclusão da mulher do campo literário. Refletindo sobre as causas dessa situação, a escritora dá ênfase às causas materiais das limitações impostas às mulheres, e menciona, entre outros fatores, sua exclusão das instituições escolares e sua dependência econômica em relação aos homens. Se as mulheres brancas já se deparavam com condições desfavoráveis ao desenvolvimento da leitura e da escrita, ainda maiores foram os obstáculos enfrentados historicamente pela mulher negra. Com as opressões de gênero se combinavam (e ainda se combinam) outras formas de

opressão, como as de raça e classe, fazendo com que a mulher negra fosse ainda mais excluída da esfera literária, bem como de outros campos de produção de conhecimento. Para uma compreensão mais profunda do modo como ocorre essa “discriminação dada em múltiplas camadas sobrepostas, uma discriminação mista, composta, que combina o peso da discriminação racial com o peso da discriminação de gênero”, é importante ter em vista o conceito de **interseccionalidade**, tal como analisado por Kimberlé Crenshaw (2002). Essa abordagem interseccional é subjacente ao trabalho de outras teóricas do feminismo negro que embasam nossas reflexões, como Lélia Gonzalez (1984), Angela Davis (2016), bell hooks (2019) e Carla Akotirene (2020).

Tais considerações nos permitem entrever as dificuldades colocadas no caminho das mulheres negras na produção literária no Brasil, e em sua posterior difusão entre os diversos públicos leitores. Ocupando um lugar social de subalternidade, as mulheres negras enfrentam desafios semelhantes ao disputar um lugar ao sol no conjunto das nossas obras literárias de prestígio – ou seja, ao se depararem com o cânone literário brasileiro, que permanece majoritariamente masculino e branco.

Partindo dessas reflexões, fizemos um levantamento das pesquisas já realizadas sobre as escritoras negras na literatura brasileira, com o propósito de situar o interesse que esta temática tem despertado entre os pesquisadores. Para isso, nos baseamos no pressuposto de que a própria prática da pesquisa acadêmica se vincula à criação e à manutenção do cânone literário, e de que essa prática não é alheia aos valores vigentes na sociedade de uma forma mais ampla. Uma investigação pontual como a empreendida nesta pesquisa a respeito da autoria feminina negra é capaz de revelar como as estruturas de poder e dominação social se refletem em diversos âmbitos. Também é nosso objetivo aumentar a visibilidade das letras escritas pelas negras no Brasil – pois, a menos que se dê atenção a essa produção, ela irá permanecer nas margens dos livros de literatura – seja nos manuais universitários ou escolares – e, conseqüentemente, distante do grande público.

2. Metodologia

Para investigar essa questão, foi realizada uma busca no Portal de Periódicos Capes/MEC, com o intuito de fazer um levantamento a respeito dos artigos publicados nos últimos cinco anos sobre o tema (2016-2021). A busca foi realizada no dia 13 de setembro de 2021, e foram buscadas as palavras-chave: “mulher negra”, “autora negra” ou “escritora negra” (assim como seus plurais), “autoria feminina negra”, em combinação com as expressões “literatura brasileira” e “literatura no Brasil”, bem como a combinação das expressões “literatura afro-feminina” e “brasileira”. Essas buscas totalizaram sete resultados. Os artigos encontrados foram selecionados através da leitura dos seus resumos. Outro critério utilizado para a seleção foi a disponibilidade do artigo completo gratuitamente. Foram adotados como parâmetros de exclusão textos do tipo teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso (TCCs) e livros. Após a leitura dos textos integrais, os dados levantados foram comparados e submetidos à análise.

Para respondermos à questão relativa a quem se interessa por essa temática, foram buscados os currículos dos autores dos artigos na plataforma Lattes, no intuito de verificar possíveis correspondências de gênero e raça entre os autores pesquisadores e as escritoras estudadas. É importante ressaltar que duas das autoras desta pesquisa possuem formação em Heteroidentificação Racial.

3. Resultados

Artigos	Título	Autor(es)	Local de publicação	Ano	Escritoras mencionadas
---------	--------	-----------	---------------------	-----	------------------------

T1	O “silenciamento” da voz negra feminina: uma análise discursiva da obra de Maria Firmina dos Reis	Nathalie de Jesus Maria Ribeiro e Safira Ravenne da Cunha Rêgo.	Cadernos Cajuína	2019	Maria Firmina dos Reis
T2	Imaginários sociodiscursivos da mulher negra: análise do conto “Isaltina Campo Belo” de Conceição Evaristo	Avanete Pereira Sousa e Emanuela de Souza Cordeiro	Anuário de literatura	2019	Conceição Evaristo
T3	Campo Belo: Narrativa Insubmissa e Insurgente	Geny Ferreira Guimarães e Hildalia Fernandes Cunha Cordeiro	Anuário de literatura	2019	Conceição Evaristo
T4	Literatura afro-feminina brasileira: uma forma de combate ao silenciamento e ao racismo	Fabiana Santos Sousa	Altre Mordernità	2019	Esperança Garcia; Maria Firmina dos Reis; Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus
T5	A escritora Carolina Maria de Jesus: legitimando seu lugar na história da literatura Brasileira	Dênis Moura de Quadros	Travessias	2018	Carolina Maria de Jesus
T6	A Mulher “Nem Recatada ou do Lar” em Esmeralda, por que não dancei e Ponciá Vicêncio	Maria Tereza Amodeo e Mariana Borda Gueiral	Travessias	2018	Esmeralda do Carmo Ortiz e Conceição Evaristo
T7	A mulher negra na literatura brasileira: passado, presente e futuro	Edna Raquel Hogemann; Patricy Barros Justino;	Direito das Políticas Públicas	2020	Esperança Garcia; Maria Firmina dos Reis; Carolina

		Aiana Carvalho			Maria de Jesus; Esmeralda Ribeiro; Geni Guimarães; Kiusam de Oliveira; Cristiane Sobral
--	--	----------------	--	--	---

4. Discussão

Um primeiro ponto que surge da análise dos artigos é uma certa falta de acordo quanto ao que seja a literatura negra feminina brasileira. Curiosamente, dois dos artigos analisados (T4 e T7) incluem entre as autoras integrantes de tal *corpus* Esperança Garcia – mulher negra escravizada que em 1770 escreveu uma carta ao então presidente da Província de São José do Piauí na qual denunciava os maus-tratos e abusos físicos cometidos contra ela e seu filho pelo feitor da fazenda onde vivia. A carta, que foi encontrada em 1979 pelo historiador Luiz Mott no Arquivo Público do Piauí, fez com que Esperança Garcia recebesse o título simbólico de primeira advogada do estado pela OAB (Ordem dos Advogados do Brasil). No entanto, sendo um documento de grande importância no âmbito da História e do Direito, a carta de Esperança Garcia não apresenta nenhum elemento que justifique sua inclusão no campo da Literatura; por isso, provoca estranhamento sua referência não apenas em um, mas em dois dos artigos integrantes de nossa seleção. Esse fato talvez evidencie que a própria temática em vista – a literatura feita por mulheres negras no Brasil – abala a conceituação normalmente estabelecida do que se considera como literatura em nosso país. O argumento bem poderia servir como base a uma discussão nesse sentido, de uma reflexão mais aprofundada sobre a reconceitualização dos próprios limites da literatura brasileira a partir dessa expansão do cânone provocada pela inclusão das obras de autoras

negras – no entanto, os artigos analisados não chegam a promover esse debate.

Pois se há um traço comum à produção literária de mulheres negras no Brasil, ele parece residir justamente na proximidade entre discurso literário e discurso social, fator destacado em todos os artigos analisados. E embora Esperança Garcia seja mencionada em dois dos textos, ela não é objeto de análise mais profunda em nenhum. Alguns dos textos mencionam mais de uma autora negra, ainda que se detenham na análise mais detida de parte da obra de uma ou duas autoras: Conceição Evaristo é a autora que recebe mais atenção (sendo alvo de três artigos – em um deles, um romance seu é comparado ao relato autobiográfico de Esmeralda do Carmo Ortiz). Em segundo lugar, temos Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, com um artigo cada. Dois outros artigos não focam a obra de nenhuma autora, mas se dedicam a comentários mais abrangentes sobre questões relacionadas à literatura negra feminina no Brasil.

O artigo T1 se detém na análise da obra de Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra brasileira. Ele enfoca suas três obras principais – o romance *Úrsula* (1859) e os contos “Gupeva” (1861) e “A escrava” (1887). O referencial teórico é a Análise do Discurso de linha francesa, que aborda a construção do sujeito por meio das condições de produção. Por conta disso, o artigo busca evidenciar os modos como fatores raciais, de gênero e histórico-sociais contribuíram para a pouca representatividade de escritoras negras na literatura nacional. Duas categorias que recebem destaque por parte das autoras são *silenciamento* e *invisibilidade*. Como exemplo disso, elas mencionam o fato de que o romance *Úrsula* foi não só esquecido, como também superado por *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães – que conta uma história parecida, mas se baseia ainda mais em estereótipos.

Os artigos T2 e T3 analisam não apenas a mesma autora, mas também a mesma obra – o conto “Isaltina Campo Belo”, de Conceição Evaristo. Os comentários se aproximam, já que o foco é direcionado para o modo como o preconceito de gênero acompanha o preconceito racial na vida da mulher

negra, e como a concepção afro-feminina foi estereotipada e fortemente marcada pelo passado, reforçando ainda mais o preconceito. Assim como o artigo T1, o texto T2 também se baseia na Análise do Discurso francesa para discutir o modo como o texto literário em questão ressemantiza o espaço da mulher negra na sociedade, bem como sua representação cultural. Já T3 se embasa mais na historiografia da escravidão e da diáspora negra, assim como na linha de gênero e sexualidade para abordar o conto, cuja protagonista é não apenas mulher e negra, mas também vem a se descobrir lésbica. Para tratar então dessa nova camada de opressão abordada pelo conto, as autoras acionam o referencial teórico do feminismo negro de Audre Lorde e a “epistemologia negra-sapatão” de Tanya L. Saunders. É importante destacar que T2 e T3 são os únicos dos sete artigos analisados que tratam explicitamente da categoria da *interseccionalidade*, o que indica que tal conceito ainda carece de discussão, mesmo no âmbito específico que lhe deu origem.

Tanto T4 quanto T7 tecem comentários mais gerais sobre a produção negra feminina na literatura brasileira. Assim como T1, T4 destaca a categoria do *silenciamento* como marca dessa produção. O artigo T4 dedica-se primordialmente a discutir duas questões relativas à literatura negro-feminina brasileira: seu próprio conceito e seus obstáculos históricos. Somente na penúltima página do texto é que a discussão foca em uma obra específica – *Becos da memória*, de Conceição Evaristo – para destacar como as tragédias sofridas pelos personagens encontram correspondência com aquelas vividas pela maior parte dos negros brasileiros.

Embora o texto T4 dedique toda uma seção à discussão do próprio conceito de literatura afro-brasileira, não chega a evidenciar um posicionamento claro a respeito do critério distintivo dessa produção – qual seria o fator determinante da literatura negra: a cor da pele do autor? A temática? O ponto de vista? A linguagem? O público a que se destina? A autora aponta para a complexidade do conceito e, após argumentar que ele ainda está em construção, parece defender o critério temático ao afirmar que “a

literatura afro-brasileira pode ser compreendida como aquela que está engajada com a causa negra brasileira, buscando apresentar o negro e sua cultura por outro viés, de cunho positivo, que contradiga aquele, negativo, apresentado pela cultura branca dominante” (SOUSA, 2019, p. 110).

Outra longa seção do artigo T4 é dedicada a uma análise dos obstáculos impostos historicamente à aquisição da instrução escolar pelos afrodescendentes do Brasil, fator que é então correlacionado à importância da escrita negra feminina. Segundo a autora, “é possível afirmar que mulheres negras brasileiras (...) escrevem para deixarem impressas suas vivências, bem como para denunciar os séculos de silenciamento, a agonia e as humilhações sofridas e, ainda, clamar por justiça” (SOUSA, 2019, p. 114).

O texto T7 também dá bastante destaque ao modo como o acesso à educação constitui um obstáculo para uma maior e efetiva participação das mulheres negras na literatura. Uma segunda semelhança entre os artigos T4 e T7 é o fato de que ambos não explicitam seus marcos teóricos. Nos dois casos, é a revisitação dos processos históricos relacionados à exclusão da mulher negra do campo literário que recebe centralidade. Assim, o texto T7 ainda denuncia a existência de “um mercado literário mediado por vozes de homens, [em que] as mulheres ainda são uma minoria”, e que uma análise da autoria na literatura brasileira “mostra uma homogeneidade racial que não representa a realidade da sociedade brasileira” (HOGEMANN et al., 2020, p. 105).

O funcionamento dos processos de legitimação na literatura também é foco do texto T5, dedicado à análise de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Nele, o autor discute o lugar de *marginalidade* que foi imposto a essa autora e à sua obra por parte “de uma academia que restringe as margens e encastela a literatura a partir do cânone hegemônico cristalizado”. A literatura afro-feminina viria justamente “para questionar essa lacuna e abrir espaço para que outras escritoras ocupem esse lugar de direito na historiografia literária”. O conceito de *autoficção* é acionado para abordar essa narrativa em que “a escritora ficcionaliza sua vida, refletindo acerca de sua condição de mulher negra brasileira letrada residente em uma favela”.

Finalmente, o texto T6 lida com questões semelhantes, porém voltando seu olhar para a produção negra feminina na contemporaneidade. Também ocupado com “a manifestação de vozes autorais de grupos marginalizados, excluídos dos centros sociais e econômicos”, em particular com “a voz da mulher pobre e negra da periferia dos centros urbanos, que constrói formas legítimas de expressão que desafiam a hegemonia do cânone, predominantemente etilista e masculino”, o texto se detém no livro *Esmeralda, por que não dancei?*, de Esmeralda do Carmo Ortiz – que consiste na “narrativa da vida da própria autora, menina negra e pobre, que esteve nas ruas de São Paulo desde os oito anos de idade”. A trajetória da autora/personagem é comparada à de Ponciá Vicêncio, protagonista do romance de mesmo título de autoria de Conceição Evaristo. As autoras do artigo T6 comparam

Modalidades narrativas diferentes, aqui analisadas nas suas especificidades e na forma como articulam possibilidades de expressão/representação da mulher negra e pobre no contexto brasileiro, em busca de sua identidade, evidenciando resistência e legitimação e promovendo um exercício de alteridade, quer seja por meio de um relato habilmente construído de uma experiência vivida, quer seja pela narrativa literária (...).

Um dado a ser observado é que, das três obras acionadas no texto T6 como aporte teórico para a análise (*O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir; *Mulher, casa e cidade*, de Antonio Risério; e *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, de Regina Dalcastagnè), nenhuma provém das contribuições fornecidas pelo feminismo negro.

Para concluir, a pesquisa também levantou a questão referente ao perfil de gênero e etnia dos autores dos artigos. Era nosso interesse perceber se havia uma correlação estreita entre sujeito e objeto da pesquisa, ou seja, entre o perfil dos pesquisadores e das autoras pesquisadas (composto por mulheres

negras). As buscas foram feitas na Plataforma Lattes. Somente em um caso em que não havia fotografia disponível da pesquisadora nesta fonte é que se recorreu a uma reportagem de jornal disponível na internet, com a devida identificação da pesquisadora. Os resultados encontrados foram os seguintes: os sete artigos analisados foram escritos por um total de treze autores, sendo doze mulheres e um homem. Deste conjunto, sete autoras são brancas e seis são negros – dos quais três são mulheres pardas claras.

Tais dados nos permitem concluir que, embora a literatura negro-feminina brasileira não seja assunto de interesse exclusivo das mulheres, este grupo compõe a maioria entre os pesquisadores que têm se dedicado ao tema nos últimos anos. Quanto ao recorte étnico, nota-se uma divergência maior entre o perfil dos sujeitos e dos objetos da pesquisa, uma vez que a maioria das pesquisadoras é branca e não negra, como talvez seria de se esperar. Esse dado pode apontar para interpretações distintas: por um lado, ele aponta para uma hipótese aventada por nós em pesquisas anteriores (DE PAULA et al, 2021) segundo a qual, quando um artigo acadêmico que tenha como tema mulheres negras é assinado por mais de uma mulher, em geral a primeira autora é negra (a orientanda) e a segunda, branca (a orientadora). Tal configuração demonstra que a inserção das mulheres na academia, por si só repleta de obstáculos relacionados a gênero, é ainda mais dificultada às mulheres negras (daí ser comum encontrarmos mulheres brancas na posição de orientadoras e negras na de orientandas). Em nosso estudo, essa situação foi verificada em dois dos cinco casos de autoria múltipla. Por outro lado, o fato de que, em nossa amostragem, a maioria das autoras dos artigos são brancas – sete autoras de um total de treze pesquisadores – traz consigo uma constatação animadora, na medida em que demonstra que o tema não tem se constituído como um nicho exclusivo de mulheres negras, despertando a atenção da crítica acadêmica de uma maneira mais ampla.

5. Conclusão: um campo em busca de visibilidade e de um conceito

A leitura comparada dos artigos selecionados em nosso levantamento confirmou a hipótese inicial da pesquisa: os estudos recentes sobre a literatura negro-feminina brasileira recaem basicamente sobre as obras de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Sem entrar neste momento em maiores considerações sobre a obra e a vida das autoras, é inegável que as três enfrentaram e continuam enfrentando inúmeros obstáculos para ocupar um lugar ao sol do cânone da literatura brasileira. Não se questiona aqui o valor ou a importância de seus trabalhos literários. No entanto, é importante observarmos que a hipervisibilização de algumas figuras inevitavelmente lança outras na sombra. Nesse sentido, a conclusão indicada em nosso levantamento sugere a necessidade de ampliarmos os olhares para as obras de outras autoras que igualmente estão construindo a literatura negro-feminina brasileira.

Mais especificamente em termos teóricos, a pesquisa nos revelou que dois conceitos fundamentais para a discussão da autoria negra feminina ainda carecem de consolidação no campo: o primeiro é *interseccionalidade*. Observamos que, sendo um conceito central ao feminismo negro, ele aparece explicitamente apenas em dois dos sete artigos analisados. Sua ausência se faz sentir mais fortemente em pelo menos um dos artigos, o qual busca seus referenciais teóricos somente em obras do feminismo tradicional (também chamado por algumas críticas de “feminismo branco”) e em uma outra que aborda as opressões que recaem sobre as mulheres, porém foi escrita por um homem.

O que nos leva ao segundo conceito fundamental ao debate, e que apenas surge no horizonte de alguns dos artigos analisados: *lugar de fala*. Em 2020, a filósofa negra Djamila Ribeiro inaugurou a coleção “Feminismos Plurais” justamente com o livro que traz esse conceito no título e dá a ele visibilidade⁵. Embora somente um dos artigos da nossa amostragem seja posterior à publicação do livro, percebe-se que a noção de lugar de fala já está

⁵ Da mesma coleção fazem parte outros títulos que trazem para este debate conceitos importantes: *Interseccionalidade*, de Carla Akotirene, e *Empoderamento*, de Joice Berth.

presente nas discussões, mesmo que com outras roupagens: *vivência*, *memória*, *autoficção*. Mas vale destacar que o conceito já estava presente no debate teórico local, como atesta o título do segundo capítulo do livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, de Regina Dalcastagnè, de 2012. Note-se que não se trata aqui de cobrar atualização teórica por parte dos críticos, mas sim de apontar para a importância desses dois conceitos na reflexão sobre a literatura brasileira feita por mulheres negras.

Em *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir havia indicado que a mulher é o *Outro* (ocupando assim uma posição subalterna ao homem em uma sociedade patriarcal); em *Memórias da plantação*, Grada Kilomba atualiza a filósofa francesa apontando que a mulher negra é o *Outro do Outro* – alteridade simultânea em relação ao gênero e à raça tidos como universais. Compreender os efeitos dessa dupla opressão que recai sobre as mulheres negras e que ressoa na literatura no momento em que essas mulheres assumem a voz nas narrativas que falam de suas vivências é essencial para que esses relatos possam cada vez mais romper o silenciamento que foi imposto às populações negras no Brasil, e para que possam assim gerar novas possibilidades de representação e de atuação na sociedade.

6. Referências bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (Momentos decisivos)*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1997.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE PAULA, Thamiris Bernardo et al. MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA. Anais do COPENE, 2021.

COSTA, Angelo Brandelli & ZOLTOWSKI, Ana Paula Couto. “Como escrever um artigo de revisão sistemática”. IN: Koller, S. H.; Couto, M. C. P. P.; Hohendorff, J.V. (Organizadores). *Métodos de pesquisa: manual de produção científica*. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRENSHAW, Kimberlé. “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011> Acesso em 02/06/2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. *Revista Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, 1984.

hooks, bell. *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.